

O Homem enquanto Político

Ao analisar o homem Gonçalo Ribeiro Telles, enquanto político, começo pelo princípio: conheci o Gonçalo Ribeiro Telles em meados de 1960.

Colegas do Liceu Camões tinham descoberto no “Diário de Notícias” um anúncio muito escondido lá num cantinho de uma folha, sobre a realização de um “curso de Introdução à Filosofia Política”, no Centro Nacional de Cultura, julgo que às quintas feiras ao fim da tarde, ali mesmo ao lado da sede da Pide. O anúncio “cheirava” a política à socapa... e lá fomos nós. O Gonçalo Ribeiro Telles era um dos “Professores”, juntamente com o Fernando Amado, a Sophia de Mello Breyner, o Francisco Sousa Tavares, o João Camoça e tantos outros.

O CNC desses tempos tinha só uma sala digna desse nome, mas era suficientemente espaçosa para em certos dias, a um canto, Fernando Amado ensaiar peças de teatro, a Sophia de Mello Breyner rabiscar mais um poema e nós a aprender sobre a tal “filosofia política”.

E a verdade é que aprendemos tanto sobre liberdade e democracia, que um ano depois, em 61 já estávamos de alma e coração com os “mestres” e com o Gonçalo Ribeiro Telles, em defesa do direito à autodeterminação das províncias ultramarinas e no apoio a uma candidatura monárquica independente nas eleições para a então Assembleia Nacional. Claro que por voltas de 62, a maior parte de nós, já era acusada pela Causa Monárquica de sermos perigosos comunistas.

Em matéria de “protecção do ambien-



POR
Luís Coimbra

Engenheiro Aeronáutico.
Presidente da NAV
Portugal

te” foi nessas sessões do CNC que eu ouvi pela voz do Gonçalo Ribeiro Telles falar-se de ideias, conceitos e objectivos sobre “ordenamento do território”, “sustentabilidade” ou “ética e responsabilidade social”, chavões hoje tão em moda.

Em 1969 o GRT e alguns dos seus companheiros monárquicos independentes já integravam as listas da CEUD pela oposição democrática ao regime. Melhor do que eu falará certamente sobre esses tempos o Dr. Mário Soares que sabemos estará aqui também presente esta tarde.

Logo a seguir ao 25 de Abril o Gonçalo Ribeiro Telles terá por ventura cometido o pior erro político da sua carreira: instalado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) para que monárquicos democratas também participassem no primeiro Governo provisório, o Gonçalo e o Henrique Barrilaro Ruas, modestamente, nada exigiram em troca, porque consideravam estar a participar nessas reuniões apenas em nome “do serviço público, portanto, apenas onde os militares achassem que eles viessem a ser mais úteis ao País”. Resultado: ao Gonçalo Ribeiro Telles foi-lhe

apenas atribuída uma Subsecretaria de Estado no primeiro governo provisório.

Passada a balbúrdia, lá para finais de 78, o Gonçalo Ribeiro Telles foi um dos que sugeriu publicamente uma coligação PS - PPD para fazer sair o país da crise. Pouco tempo decorrido, o Gonçalo viria a ser um dos três líderes da Aliança Democrática, com a condição prévia de o chamado “grupo dos Reformadores” (Francisco Sousa Tavares, António Barreto e Medeiros Ferreira, entre muitos outros, também se associarem ao projecto da AD) - o que aconteceu.

Durante a vigência da Aliança Democrática, muito do pensamento político e ambiental de Gonçalo Ribeiro Telles foi levado à prática, tendo sempre presente o seu mais sagrado princípio: a perenidade do Homem e da Terra.

Vale a pena recordar aqui um episódio da campanha eleitoral da AD, para melhor compreendermos o “pensamento político” de Gonçalo Ribeiro Telles. Um dia, lá para as bandas de Penafiel, a chuva fazia-se sentir forte, a caravana eleitoral tardava em voltar à estrada e tudo atrasado. Razão: o Gonçalo Ribeiro Telles tinha desaparecido! Por entre a multidão, já um pouco preocupado, fui procurá-lo e acabei por o encontrar junto a uma vacaria a explicar a uma dúzia de agricultores atónitos que aquilo de terem estabulado as vacas, mais as rações industriais que elas estavam a comer estava tudo errado: “Oh homens, ponham as vaquinhas mas é cá fora, ali no pasto, que até lhes faz bem à saúde levarem com esta chuvinha e vai sair mais barato alimentá-las!”.

Foi também em nome destes princípios elementares, da tal “Filosofia Política” de Gonçalo Ribeiro Telles, que foi abandonado o projecto da Central Nuclear de Ferrel, bem expresso aliás numa autêntica cambalhota eleitoral registada em eleições legislativas. Refiro-me à votação maciça de Peniche na AD, quando comparada com os votos para as eleições da Assembleia Constituinte nos outros Partidos concorrentes. E forçoso será hoje reconhecer que se não existem potenciais Fukuchimas em Portugal muito se deve à acção de Gonçalo Ribeiro Telles.

Foi em nome da “perenidade do homem e da terra” que pela mão do Gonçalo surgiram entre 80 e 83, projectos de lei na altura considerados absurdos pela generalidade da classe política e dos gestores públicos. Reparem só nalguns desses pro-

jectos “absurdos”: auto-produção e venda para a rede eléctrica de energia pela iniciativa privada desde que a partir de energias renováveis. Foram precisos quase 30 anos para esta ideia ser levada à prática!

Projecto de limitação (por área agrícola/rústica e ou de freguesia) da florestação industrial. Que horror! Então este projecto nunca foi levado à prática – ou não fosse a pasta de papel e os eucaliptos, deixarem de ter um grande papel a desempenhar na integração e construção europeias..

Ainda outro projecto: federação livre de municípios com interesses históricos, culturais e económicos comuns de modo a racionalizar os investimentos públicos. Erro fatal: naquele tempo a grande maioria acreditava que era possível criar, por exemplo, um liceu e um hospital em cada freguesia do País, até porque o Estado era um saco infinito de dinheiro!

Finalmente, as leis fundamentais que o Gonçalo conseguiu fazer passar por entre infundáveis escolhos: as leis do ordenamento do território, das reservas agrícola e ecológicas nacionais.

E ainda a propósito de eucaliptos e outras plantações políticas: foi também nos anos 80 que a atenção do Gonçalo se virou para o modelo errado de integração e construção europeia que se aproximavam. Ernâni Lopes, saudoso amigo, nosso então Embaixador junto da CEE começaria a dar-nos os primeiros sinais preocupantes. Lamentava-se ele que os auxílios financeiros de pré-adesão já definidos em Bruxelas vinham quase todos para o desenvolvimento da pasta de celulose!

Gonçalo Ribeiro Telles um homem de “direita”? Recordo que ele foi eleito como deputado independente nas listas do Partido Socialista ainda nos anos 80.

Mas o Gonçalo, em todas as circunstâncias, nunca esqueceu “a terra”, em particular Lisboa e os destinos urbanísticos da capital que ele sempre amou. Daí a criação do “Movimento Alfacinha” e a sua eleição directa pelo então PPM para Vereador da Câmara. Entretanto o Gonçalo era o grande mentor da lista encabeçada pelo Miguel Esteves Cardoso ao Parlamento Europeu. O MEC, sem papas na língua, prometia em Estrasburgo “morder as canelas aos deputados europeus portugueses que se extaciassem em demasia com as luzes europeias”...

Já nos anos 90 Gonçalo foi fundamental para a criação do Partido da Terra. E talvez muitos não saibam que na génese do MPT



Em todas as circunstâncias, nunca esqueceu “a terra”, em particular Lisboa e os destinos urbanísticos da capital que sempre amou

esteve também, de alma e coração, o Professor Agostinho da Silva que sonhava que o Partido da Terra poderia vir a ser uma simbiose entre a perenidade da terra e o municipalismo enquanto suportes vitais da nossa portugalidade. A acompanhar estas ideias estavam muitos independentes – como o Professor Delgado Domingues que nos honra aqui também com a sua presença. E também já agora, mesmo em termos de simples solidariedade política, cruzaram-se ao longo dos anos grandes e imortais portugueses ilustres: apenas refiro Miguel Torga e Mário Cesariny para não tornar fastidiosa a lista completa.

Podemos hoje considerar o Gonçalo Ribeiro Telles um “falhado” enquanto político? Podemos sim senhora – se considerarmos que as suas ideias sobre o modelo de desenvolvimento para Portugal foram derrotadas por ideias políticas e opiniões técnicas contrárias às suas, algumas vezes à socapa, outras invocando-se demagogicamente o seu nome com o maior dos descaramentos. Nos últimos 25 anos, consciente ou inconscientemente, tudo foi feito para torpedear as leis básicas do ordenamento do território, das reservas agrícola e ecológica nacional de que Gonçalo Ribeiro Telles foi o grande autor. Essa sabotagem quanto a mim teve início nas famosas alterações aos planos directores municipais e aos famosíssimos Planos de Pormenor. Só um exemplo: para a Expo 98, na fase da preparação da sua construção, os promotores chegaram a contactar-me no Aeroporto de Lisboa, ou seja cento e tal metros acima do nível do mar onde a Expo ia ser construída, para saber até onde poderiam construir em al-

tura sem interferir com a movimentação dos aviões, pasme-se! É que se um plano de pormenor para a Expo abrangesse um quarteirão inteiro a construção em altura poderia chegar até ao céu! Depois, nesse processo contínuo de ultrapassagem da lei, por entre infundáveis regulamentos e porque os ditos Planos de Pormenor não bastavam, inventaram-se os PIN. E até muitos dos disparates que contribuíram para os desastres das PPP foram antecedidas de eloquentes estudos de “impacto ambiental” e de “sustentabilidade” os quais por razões de decoro me abstenho hoje de pormenorizar.

Entre projectos grandiosos, mas sem qualquer utilidade ou rentabilidade, fruto de decisões políticas erradas – mas eventualmente legítimas porque próprias de um estado de direito democrático –, ou simples casos de polícia, Gonçalo Ribeiro Telles tem publicamente criticado todos estes desastres que contribuíram – e de que maneira – para a situação económica e financeira em que nos encontramos hoje. No momento em que alguns pensam refundar a União Europeia, também será oportuno salientar aqui o que também aprendi com o Gonçalo: que uma verdadeira construção Europeia deveria assentar num modelo de desenvolvimento fruto da progressiva integração de muitos Benelux, ou seja, grupos de países vizinhos com situações económicas e sociais homogéneas ou no mínimo idênticas, e não através do presente modelo Europeu: “tudo desregulamentadíssimamente regulado e fé em Bruxelas”.

Meu caro Gonçalo: 2012 vai ser um ano crítico devido à crise que atingirá o seu auge, segundo as previsões, em 2013. Gonçalo, o homem e a terra planeta, – porque as negociações para um “Quioto 2” vão decorrer ao longo de 2012 e se não for renovado até final de Dezembro de 2012, o planeta vai ficar pior. E se o planeta ficar pior a crise financeira vai continuar a piorar ainda mais. É que existe de facto uma ligação termodinâmica e geofísica entre os desastres económico-financeiros e os ecológicos...

Gonçalo: como te vejo são como um pero, cá continuaremos à espera das tuas ideias inovadoras, mesmo que muitos continuem a desculpar-se com a história de teres “razão antes de tempo”. Tem portanto paciência. Vais ter de continuar por cá muitos bons anos. Nós precisamos de ti. Portugal precisa de ti!■